

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)16 mar 2017 | O Globo | JULIANA CASTRO juliana.azevedo@oglobo.com.br

Delatores: Cabral recebeu propina via doações oficiais

Depoimentos da Andrade Gutierrez indicam uso de caixa 1 para ocultar desvio

Em depoimentos do processo da Operação Calicute prestados ontem, o ex-executivo da Andrade Gutierrez Clóvis Primo e o superintendente Alberto Quintaes afirmaram que parte da propina exigida pelo ex-governador Sérgio Cabral (PMDB) foi paga por meio de doações oficiais em 2010.

A revelação vem no momento em que o Supremo Tribunal Federal (STF) se debruça sobre o assunto. A Segunda Turma da Corte aceitou, no último dia 7, denúncia contra o senador Valdir Raupp (PMDB-RO), que teria usado o caixa 1 para dar aparência legal ao recebimento de vantagem ilícita da Queiroz Galvão.

No caso de Cabral, os ex-executivos da Andrade Gutierrez não esclareceram o valor e nem se a quantia foi destinada a outros partidos da coligação.

— No (caso do) Maracanã, o dinheiro era entregue em espécie e em alguns depósitos de campanha — afirmou Clóvis Primo. — Teve doação oficial, mas era propina — completou.

Quintaes afirmou ainda que, nessa mesma eleição, nem todas as doações envolveram irregularidades. Ao responder a um questionamento sobre as doações, ele disse que “alguma coisa foi paga oficialmente”. O superintendente aderiu ao acordo de leniência firmado entre a Andrade Gutierrez e o Ministério Público Federal. Ele, Clóvis e o ex-presidente da empreiteira Rogério Nora confirmaram o pagamento de propinas a Cabral. Clóvis e Nora são delatores da Lava-Jato.

O ex-presidente da construtora disse que outras empresas do consórcio, por exemplo, do PAC de Manguinhos, pagaram vantagens indevidas a Cabral.

— Com certeza (outras empresas do consórcio pagaram propina). Era um compromisso do consórcio — disse Nora, ao ser questionado pelo juiz Marcelo Bretas, da 7ª Vara Federal Criminal do Rio.

Clóvis Primo contou que os pedidos de propina no governo Cabral começaram com o pagamento de uma mesada de R\$ 350 mil:

— Em 2007, quando começou o novo governo, a Andrade Gutierrez queria participar de algumas obras, como a do Arco Metropolitano, o programa das favelas. Então, nessa mesma época, recebi a informação do Rogério (Nora) sobre a solicitação de pagamento de um valor mensal (para o então governador) até que as obras fossem contratadas. Depois, o valor pago era de 5% do valor das obras que a Andrade Gutierrez participava.

Cabral e a ex-primeira-dama Adriana Ancelmo, réus no processo e presos em Bangu 8, pediram dispensa e não acompanharam as declarações. Em outro depoimento, a gerente da joalheria Antonio Bernardo no Shopping da Gávea, Vera Lucia Guerra, disse que Cabral e Carlos Miranda, apontado pelo MPF como operador do peemedebista, compravam peças com desconto e em datas comemorativas.

— Era sempre com desconto especial e sem nota fiscal, a pedido dele — disse Vera, sobre Carlos Miranda e confirmando que o mesmo era feito com Cabral.

Vera afirmou que Cabral e Miranda eram os dois únicos clientes da loja que compravam sem notas fiscais. No depoimento dado no dia da deflagração da Calicute, a gerente havia dito não saber se houve ou não nota fiscal.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)